

# Setor industrial terá R\$ 300 bilhões

Plano anunciado pelo governo reedita estratégias de gestões petistas anteriores, com previsão de financiamentos e subsídios



Medidas foram anunciadas em reunião de conselho; foco em investimento público é alvo de críticas

O governo federal lançou ontem um plano de estímulo ao setor industrial, que enfrenta um quadro crônico de estagnação e perda de competitividade. Batizado de Nova Indústria Brasil, o pacote reedita políticas de antigas gestões petistas ao prever R\$ 300 bilhões em financiamentos e subsídios ao setor, até 2026, além de uma política de obras e compras públicas, com incentivo ao conteúdo local (exigência de compra de fornecedores brasileiros).

A maior parte do valor (cerca de R\$ 250 bilhões) será gerida pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico Social (BNDES). Os recursos serão disponibilizados por meio de linhas de crédito – R\$ 271 bilhões na modalidade reembolsável e R\$ 21 bilhões de forma não reembolsável.

Haverá requisitos para acessar os valores, como não constar da lista de empresas que utilizam trabalho análogo à escravidão. Outros R\$ 8 bilhões serão aplicados por meio da compra de participação acionária de empresas.

## “Alento”

No evento, Lula afirmou que os R\$ 300 bilhões – dos quais R\$ 106 bilhões já haviam sido anunciados em julho do ano passado – são um “alento” para a indústria “dar um salto de qualidade”: “Muitas vezes, para que o Brasil se torne competitivo, tem de financiar algumas das coisas que ele quer exportar.”

O anúncio ocorreu durante reunião do Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial (CNDI).

Apesar dos elogios de entidades que representam a indústria à iniciativa, o mercado reagiu mal ao programa (*leia mais ao lado*). O presidente do BNDES, Aloizio Mercadante, rebateu as críticas ao plano e defendeu a volta do investimento estatal, alegando que não se trata de “substituir o mercado”.

– Eu quero perguntar a esses que escrevem todos os dias dizendo que estamos trazendo medidas antigas: me expliquem a China. Por que a China é o país que mais cresce no mundo nos últimos 40 anos? Me explique a política econômica americana. Já são 2 trilhões na década em subsídio, incentivo, em investimento público para atrair empresas, inclusive empresas brasileiras – afirmou.

## Bolsa cai e dólar dispara devido ao impacto fiscal

O anúncio de ontem teve impacto negativo imediato no mercado, contribuindo para a queda de 0,81% do Ibovespa, principal índice da bolsa, e a alta de 1,23% do dólar (a R\$ 4,98). Analistas falaram em risco de agravamento do quadro fiscal, no momento em que a meta da equipe econômica de fechar as contas deste ano com déficit zero já é vista com desconfiança.

Na prática, o formato do programa é criticado por economistas, que enxergam no plano a volta da política de estímulo à industrialização iniciado no segundo mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que priorizou empresas de setores específicos na chamada política de “campeãs nacionais” e concedeu crédito subsidiado, via BNDES, para compra de máquinas e caminhões, exigindo conteúdo local nas contratações feitas pela Petrobras.

– É uma quantia considerável e sabemos como isso foi feito no passado. Gera problemas, riscos fiscais, alocação de recursos e deixa o investidor reticente não só por causa do risco fiscal, mas por indução intervencionismo – analisou o economista Sílvio Campos Neto ao jornal O Estado de S. Paulo.

O economista-chefe da MB Associados, Sérgio Vale, avalia que “o que está sendo criado é mais custo fiscal, e não tem garantia de que vai funcionar”.

– O mais interessante seria o caminho de fazer regulamentações mais eficientes, mapear o que existe de política industrial e cortar o que não funcionou. É preciso abrir mais, fazer acordos que permitam a entrada de capital mais barato para permitir que a indústria seja mais competitiva. Estamos seguindo o caminho inverso, que vai tornar o produto industrial mais caro.

## Fiergs e outras entidades fazem elogios à proposta

ANDERSON AIRES  
anderson.aires@zerohora.com.br

Lançada ontem pelo governo federal, a nova política industrial do país foi bem recebida pelo setor no Estado neste primeiro momento. Na avaliação da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), os objetivos previstos no programa federal “estão corretos e em sintonia com o trabalho realizado pelo Grupo de Política Industrial da entidade”.

“É importante que as autoridades máximas do país tenham reconhecido o papel da indústria como o setor básico para o desenvolvimento nacional”, destacou o presidente da Fiergs, Gilberto Porcello Petry, por meio de nota.

No comunicado, o dirigente também citou o papel do setor industrial em outras áreas importantes da economia do país, como a fabricação de máquinas para a agricultura de precisão, e a indústria da tecnologia de informação.

No entendimento de Petry, é preciso ter cuidado nesse processo para evitar a repetição de erros do passado. “Na Fiergs, passaremos a estudar os detalhes do que foi anunciado até para propor ajustes e sugestões, que faremos através da Confederação, que tem assento no Conselho Nacional de Desenvolvimento Industrial”, finaliza.

Entidades como a Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) e a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), também elogiaram a iniciativa.

## Detalhe ZH

Duas ausências chamaram quase tanta atenção quanto as cifras bilionárias no ato de ontem: Fernando Haddad, da Fazenda, e Simone Tebet, do Planejamento. Os dois ministros, de perfil mais fiscalista, ficaram debruçados sobre os números do orçamento de 2024 – sancionado por Lula ontem, no último dia do prazo (*leia mais na página 13*).

## As metas do programa

Confira as metas previstas no programa para o setor industrial nos próximos 10 anos

### AGROINDÚSTRIAS

Prevê ampliar a participação do setor agroindustrial no PIB agropecuário para 50% e elevar de 18% para 70% os estabelecimentos de agricultura familiar mecanizados na próxima década. Também prevê que 95% dessas máquinas devem ser produzidas nacionalmente. Fabricação de equipamentos para agricultura de precisão, máquinas agrícolas para a grande produção, ampliação e otimização da capacidade produtiva da agricultura familiar também aparecem entre as prioridades nesse campo.

### SAÚDE

A meta na área de saúde é aumentar a participação da produção no país de 4,2% para 70% das necessidades nacionais em medicamentos, vacinas, equipamentos e dispositivos médicos.

### BEM-ESTAR NAS CIDADES

Prevê reduzir em 20% o tempo de deslocamento das pessoas de casa para o trabalho. Atualmente, esse tempo é, em média, de 4,8 horas semanais no país. Ampliação da participação da produção brasileira na indústria do transporte público sustentável é outro ponto citado.

### TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

Traça como meta transformar digitalmente 90% do total das empresas industriais brasileiras (atualmente são 23,5%).

### DESCARBONIZAÇÃO

Prevê ampliar de 21,4% para 50% a participação dos biocombustíveis na matriz energética de transportes.

### DEFESA NACIONAL

O governo pretende ter autonomia na produção de 50% das tecnologias críticas para fortalecer a soberania nacional.

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Página: 8